



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO
ESTADO DO PARANÁ
Secretaria da Educação

Respondendo as Necessidades Educacionais Especiais de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação

RECOMENDAÇÕES AOS PROFESSORES

Inicialmente, é importante apontar que nenhum professor precisa apresentar altas habilidades para ensinar alunos que as apresentam.

O que o professor precisa, primeiramente, ter em mãos o relatório psicoeducacional com a identificação da(s) área(s) de potencialidade do aluno, observar como estas estão sendo utilizadas no contexto escolar, e planejar suas atividades de ensino, de forma a promover o crescimento de acordo com seus próprios ritmos, possibilidades, interesses e necessidades.

O trabalho do professor na área das altas habilidades/superdotação se traduz em desafios. Requer uma postura de facilitador do processo de aprendizagem, uma vez que as características apresentadas muitas vezes superam as expectativas previstas. É importante que esse profissional tenha flexibilidade na conduta pedagógica e nas relações entre seus alunos, que possibilite o crescimento de talentos e habilidades oportunizando desafios e contextos interessantes que motivem a aprendizagem.

É essencial que o aluno com altas habilidades/superdotação se desenvolva em seu próprio ritmo, aproveitando ao máximo suas potencialidades e competências, sem ser “subjugado” a um conteúdo curricular que já domina, que seja estimulado a construir novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que conviva com parceiros da mesma faixa etária, no contexto regular da sala de aula. Obrigar o aluno a trabalhar conteúdos que não lhe constituem desafios de aprendizagem é mantê-lo desmotivado, aborrecido e livre para desenvolver padrões indesejáveis de relacionamento e de comportamento escolar.

No dia a dia da escola em muitas situações se torna necessário ser flexível na utilização do espaço físico, na utilização de materiais e equipamentos, na organização e reorganização de grupos de trabalhos, na estruturação de planejamentos e em procedimentos e processos de avaliação.

Os objetivos da ação pedagógica junto aos alunos com altas habilidades/superdotação devem preparar para a autonomia e independência, desenvolver habilidades, estimular atividades de planejamento, implementar diferentes formas de pensamento e oferecer estratégias que estimulem o posicionamento crítico e avaliativo.

Segundo Reynolds e Birch (1982), e Lewis e Doorlag (1991), há seis princípios importantes que podem auxiliar o professor a oferecer experiências educacionais apropriadas para esse grupo de alunos, no contexto da sala inclusiva:

1. Estimular a independência de estudo do aluno, ensinando-o a ser “eficiente e efetivo” nessa tarefa. Assim, é interessante que o professor estimule o aluno a ler, a pesquisar, a buscar novas informações em material extra-classe, de forma que ele aprenda a estudar pesquisando. Desta forma, o aluno não precisa ficar “amarrado” ao conteúdo regular do plano de ensino da série ou nível em que se encontra (por ele, muitas vezes, já dominado), andando em seu próprio ritmo, ao mesmo tempo em que se evitam problemas na interação com colegas e mesmo com o professor.

2. Estimular que os alunos utilizem processos cognitivos complexos, tais como o pensamento criativo, a análise crítica, análises de prós e contras, etc... Esse tipo de atividade permite ao aluno exercitar suas competências de forma construtiva e favorecedora de um desenvolvimento dentro de seu próprio ritmo.

3. Estimular os alunos a discutirem amplamente sobre questões, fatos, idéias, aprofundando gradativamente o nível de complexidade da análise, até culminar em um processo de tomada de decisão e de comunicação com os demais acerca de planos, relatórios e soluções esperadas a partir das decisões tomadas. Este procedimento não só estimula as operações de análise (reflexão sobre os múltiplos componentes da realidade enfocada, a identificação de possibilidades alternativas para a solução de problemas) e de síntese, como também a organização do pensamento, o

raciocínio lógico, o planejamento de ações, a avaliação de possíveis conseqüências e efeitos das ações planejadas, a comunicação social das idéias, dentre outras competências.

4. Estabelecer as habilidades de comunicação interpessoal necessárias para que os alunos trabalhem tranqüilamente com parceiros de diferentes faixas etárias, e de todos os níveis do desenvolvimento cognitivo. O fato de ter altas habilidades, sejam elas as competências que forem, pode tornar-se impeditivo para a convivência entre pares, razão pela qual é de grande importância que a interação e a comunicação interpessoal constituam objetivos de ensino, de igual importância aos demais conteúdos curriculares.

5. Estimular o desenvolvimento do respeito pelos demais seres humanos, independentemente de suas características, talentos e competências. A criança com altas habilidades pode se tornar alguém impaciente com pessoas que funcionam em nível ou ritmo diferente do seu, ou desenvolver um padrão e a elas desqualificar. Isto é prejudicial para seu desenvolvimento pessoal e social, podendo ter conseqüências destrutivas para seu próprio processo de aprendizagem, bem como para a sociedade. Assim, tratar do desenvolvimento e da prática do respeito humano enquanto conteúdo curricular é de importância e relevância educacional e social.

6. Desenvolver expectativas positivas do aluno quanto a escolhas profissionais que possam otimizar o uso de seus talentos e competências. (p. 396). Lewis e Doorlag (1991) abordam especificamente a questão da criatividade, a qual “pode também ser conceituada como a habilidade de gerar soluções novas para problemas específicos” (p. 397).

Assim, um dos componentes da criatividade é o pensamento divergente, competência envolvida para a sugestão de várias soluções para um problema. Os autores acima citados apontam que segundo Silverman (1988), há quatro fatores que são importantes para o exercício do pensamento divergente: a fluência, a flexibilidade, a originalidade e a elaboração. Segundo Silverman (1988, p. 276):

- A fluência é a habilidade de gerar muitas respostas.
- A flexibilidade é a habilidade de mudar a forma, mudar a informação, ou mudar a perspectiva do olhar para a realidade focalizada.

- A originalidade é a habilidade de gerar respostas novas.
- A elaboração é a habilidade de cercar uma idéia com detalhes.

Para estimular o desenvolvimento e a utilização do pensamento criativo, o autor sugere que o professor use de estratégias tais como:

- Atividades do tipo “tempestade de idéias”, ou seja, estimular que o grupo apresente muitas possíveis soluções para o problema.

- Estimular cada aluno a apresentar o maior número possível de possibilidades, de forma a desenvolver sua flexibilidade intelectual.

- Ensinar habilidades de debate, encorajando os alunos a discutirem sobre assuntos de sua própria escolha.

- Estimular que cada aluno defenda o ponto de vista do professor, o ponto de vista de outros colegas, o ponto de vista dos pais, etc...

- Estimular que os alunos tomem a iniciativa de apresentar projetos, incentivando e apoiando seu desenvolvimento e realização.

- Estimular que cada aluno apresente sugestões inéditas de possíveis soluções para os problemas.

- Fazer sessões de “idéias malucas”, onde somente noções incomuns podem ser discutidas.

- Estimular os alunos a escreverem “scripts” para programas de rádio e de TV, e a participarem dos referidos programas.

- Estimular, também, que cada aluno amplie cada vez mais o detalhamento das soluções que tenha proposto.

- Estimular que alunos que apresentam altas habilidades em matemática, por exemplo, criem quebra-cabeças, e outros instrumentos que exijam o raciocínio.

Outro componente ligado ao pensamento divergente é a capacidade de resolução de problemas. Resolver problemas é uma habilidade que se manifesta não só na sala de aula, com conteúdos acadêmicos, mas também nas diferentes situações do cotidiano.

A resolução de problemas envolve operações mentais distintas, tais como cognição, memória, produção divergente, produção convergente e avaliação. É

importante que o professor estimule, nos alunos, de maneira geral, o exercício dessas operações, nas atividades do cotidiano da sala de aula.

Algumas alternativas pedagógicas são facilitadoras para a docência e se tornam muito estimulantes para o aluno com altas habilidades/superdotação, nas salas de recursos por meio do Projeto de Interesse do Aluno.

- Planejamento de atividades de enriquecimento a serem desenvolvidas em paralelo com a programação normal da série da qual se insere o aluno.

- Elaboração de atividades diferenciadas e enriquecidas.

- Estímulo à participação do aluno na elaboração de projetos de investigação ou de pesquisas de acordo com seus interesses particulares ou suas habilidades.

- Desenvolvimento de atividades culturais e científicas como Feiras, Mostras e Semanas de Estudo, destinadas a apresentação de temas desenvolvidos durante um trabalho escolar.

- Elaboração de fichas de conteúdos estimulantes, desafiadores e curiosos para estudos independentes a todo o grupo escolar.

Nos textos anteriores já se falou sobre esta questão, mas acreditamos que nunca é demais abordá-la!

Para que um professor possa administrar com competência seu ensino, ele precisa primeiramente conhecer seus alunos. Sabemos que é prática comum, em nossa realidade educacional, que se faça o plano de ensino antes do início das aulas, antes de se vir a conhecer os alunos.

Embora este procedimento seja praticamente obrigatório, dadas as exigências burocráticas que cercam o trabalho do professor (prazos de entrega de documentos, principalmente), não é segredo para ninguém que ele carece de sustentação lógica, já que um plano de ensino só faz sentido se ele for desenvolvido para alguém que se conhece. Se não conheço o aluno que vou receber, porque planejar o ensino? Vou ensinar para quem? Como vou ensinar? Que estratégias pedagógicas serão mais eficazes para cada um dos alunos que ainda nem conheço?

Entretanto, esta é a realidade de nosso cotidiano escolar. O que recomendamos é que isto passe a ser discutido em cada comunidade, e que seja

definitivamente modificado operacionalmente. Enquanto isto se procede, entretanto, sugerimos ao professor que após as primeiras semanas de aula, à medida que vá conhecendo os padrões de aprendizagem de cada aluno, comece a promover ajustes em seu plano de ensino, de forma a poder atender ao conjunto de necessidades que venha a perceber no conjunto de seus alunos.

Assim, ele terá um plano de ensino genérico, e planejamentos individualizados para alunos que assim o necessitarem. O professor deve observar atentamente as competências e habilidades de cada aluno seu, bem como as necessidades peculiares de cada um. Que seja criativo. Que trabalhe com cantinhos de aprendizagem, experimente agrupamentos e re-agrupamentos de alunos, que estimule que cada um se desenvolva no ritmo e direção de sua opção, que dê suporte para o processo individual de desenvolvimento dos alunos e garanta espaço acadêmico para que os alunos possam nele circular à medida de sua necessidade, interesse e vontade.

Professor: Não tema o aluno com altas habilidades. E também não o tolha.

Faça dele seu aliado no processo de busca de compreensão da realidade, em cada uma das linguagens científicas com a qual você estiver com ele trabalhando (compreensão matemática da realidade, compreensão física da realidade, compreensão histórica da realidade, compreensão geográfica da realidade, compreensão biológica da realidade, etc...).

Estimule, desafie, dê suporte, vibre com ele, seja seu aliado, seu cúmplice e seu amigo no processo de construção do conhecimento. Só assim você estará sendo verdadeiramente profissional.

Como vê, ensinar é uma coisa só: é partir daquilo que o aluno real traz consigo, para a sala de aula, e caminhar para a ampliação de seu conhecimento, utilizando as vias de acesso que o aluno tiver mais bem desenvolvidas. O processo é sempre o mesmo. O como realizá-lo, entretanto, depende da caracterização de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Educação Especial. *Política nacional de educação especial*: livro 1. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. Secretaria de Educação Especial. *Subsídios para a organização e funcionamento de serviços de educação especial*: Área de Altas Habilidades. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

_____. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes gerais para o atendimento dos alunos portadores de altas habilidades, superdotação e talento*. Brasília: MEC/SEESP, 1996.

_____. Secretaria de Educação Especial. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental*: superdotação e talento. Vols. 1 e 2. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica/Secretaria de Educação Especial* – MEC; SEESP, 2001.

Hardman, M.L., Drew, C. J., Egan, M.W., Wolf, B. *Human Exceptionality*: society, school, and family. - 4. ed. - U.S.A.: Allyn and Bacon, 1993.

Lewis, R.B. & Doorlag, D.H. *Teaching Special Students in the Mainstream*. - 3. ed. - New York: Macmillan Publishing Company, 1991.

Wehman, P. & Kregel, J. *Functional Curriculum for Elementary, Middle, and Secondary Age Students with Special Needs*. Austin, Texas: Pro-ed, 1997.

NEPE/SMED

Selete Maria Schäfer Schmidt

Professora/Psicopedagoga

Pedagogia/OE